

QUADRO III

VOTOS

desejo a você delícias sem garantia
 gratidão sem saliva canina
 a proto-errância das ovelhas
 avoadas pra longe da tropa
 desejo a você epifanias
 saídas de incêndio e ciladas
 maré acima do nível das colinas
 o corpo trancado e revolvido
 com todo o veneno já bem misturado

quero voltar àquela casa -
 do climento, fazer-me asa
 para, enfim,
 entardecer.

tantas histórias, tantos cantos

passado.

o entenece

continuum, todos

já não mais arranca dentes:

qualquer fosse o discurso

- culpa, devaneio,

foto preto & branco azulada pelo tempo

dorme.

os dedos, fino

bater à máquina, enquanto

o ressoar das gaióvotas, à tarde

epre

todos os poemas do mundo são, assim,
 para você

QUADRO I

A Um Conto - Revista de Literatura veio
 suprir uma necessidade de difundir a litera-
 tura que vem sendo produzida dentro e fora do
 meio acadêmico. Pelo seu caráter colabora-
 tivo, torna-se um eficaz veículo de publica-
 ção de novos autores (de todo o Brasil) de
 forma independente e criativa. Livre de amar-
 ras, pretensões, e sem fins lucrativos, a Um
 Conto é vendida apenas para sua autossustenta-
 ção. Caso o valor das vendas ultrapasse o dos
 gastos, este será dividido igualmente entre
 todos os colaboradores do mês referente.

UMA FOLHA. UMA IDEIA. UM CONTO. ALGUMA LITERATURA.

UM BLOG: revistaumconto.wordpress.com

UM FACEBOOK: [facebook.com/umconto](https://www.facebook.com/umconto)

UM TWITTER: [@um_conto](https://twitter.com/um_conto)

Quer colaborar?

Mande sua contribuição para:

revistaumconto@gmail.com



CREATIVE COMMONS

"A reprodução e difusão total
 ou parcial dessa obra é encorajada."

Febre das Musas

Devero os delírios de Sylvia
 40 graus de verve gritando em mim
 Estrelas furiosas
 Sangram as sombras de Sexton
 Orgias de Ópio
 Frissons de Anaïs Nin
 Clarice felina caçando a solidão

Ruge o piano de Amos

Virgínia afunda em flamas

Florbela ascende entre mágoas

Minha boca cintila

Sonhos de Cecília

Emily dança à luz do Inaudito

E Safo decifra

o mito escarlate em meu ventre.



Edição 09 Junho 2012

Pouca Literatura

QUADRO IV

QUADRO VI

Constatação

Tentei passar uma nota antiga,
 de cinquenta cruzados novos,
 no supermercado da esquina.
 O atendente retrucou:
 - Drummond não vale nada!

Voltei a passar uma nota antiga,
 de cem cruzados novos,
 no coletivo que seguia lotado.
 O cobrador não gostou:
 - Cecília Meireles não vale nada!

Levei minha nota antiga,
 de quinhentos cruzados,
 no entra-e-sai da bocaada.
 O traficante aprovou:
 - Essa daí vai virar canudinho!

Acima de nossas cabeças,
 os pássaros esvoaçam
 ao som das Bachianas.

QUADRO V

dia a dia

roubei

de cada poema

um verso

de cada música

um canto

de cada dia

um minuto

de cada cama

um sorriso

pra criar

o amanhã:

nós

DOMINGO

Ele chegou perfumado com aquele velho cheiro azedo de hollywood vermelho. A blusa de coqueirinhos verdes que ganhara de sua irmã - "bem Tropicália" - ele me explicou certa vez. Me olhou sem graça e sorriu. Eu, sem graça, sorri também, antes de me engasgar com o "Oi" que eu disse e que, logo em seguida, achei que teria sido melhor não ter falado nada. Só sorriso, como ele.

Faria frio, muito frio, segundo o noticiário que passava de manhã e que eu escutava enquanto terminava de empacotar as minhas coisas, logo antes do telefone tocar e soar rouco pela casa quase vazia, exceto pelas caixas de papelão. Mas eu já não tinha empacotado esse telefone? A voz rouca do outro lado da linha dizendo "Alô?" me fez pensar que foi um erro não tê-lo empacotado. Ou talvez não.

Era um barzinho aparentemente bacana de uma metrópole qualquer, com árvores na calçada quadriculada. Tocava alguma coisa tipo samba ou bossa-nova, enquanto os pedestres corriam para escapar das nuvens cheias que se preparavam para derramar toda aquela chuva ácida, sobre nossas cabeças e nossos sapatos brancos, enquanto eu, sentado e imóvel, percebia o quanto era difícil, meu deus, olhá-lo nos olhos sem desviar o olhar.

E não mudara nada. Nada. Os cabelos pretos e lisos escorrendo na testa. O mesmo óculos de armação grossa que eu tanto gostava e aquele tortinho charmoso no dente. Florentino Ariza, eu costumava chamá-lo. Que audácia minha querer ter sido uma Fermina Daza.

Pedi um uísque com bastante gelo e me perguntou o que eu iria beber. Respondi, incerto, que o mesmo, nem sei porque, nunca bebi uísque e o que eu queria era uma garrafa térmica de café preto bem forte e sem açúcar. Acendeu seu hollywood espantado ao me ver acender meu carlton - "de vez em quando, só de vez em quando", eu disse. Então eu tragava fundo tudo pra dentro esperando pela vertigem que não vinha com ele ali, bem na minha frente, amarelo e intocável. DO-GMA.

Crostas grossas de sujeira com mosquitos em cima na toalha da mesa, eu observava e cutucava com as pontas dos meus dedos enquanto ele falava da saudade louca que sentia, meu bem, que havia se formado fazia um tempo, que aumentou a sua coleção de livros, entrou na academia, parou de tomar tarjas pretas, maconha e loló, e que, no almoço, fez arroz com ovo frito, assim bem de propósito, para comer a gema do ovo molinha estourada em cima do arroz, uma delícia, simples toda a vida, como a vida que queria.

E me olhava com algum tipo de medo, de cautela, olhar de culpa querendo desculpa que eu não dizia, não dizia, resistia, puta merda, caralho, por que isso agora, porra? Logo agora?

E eu me entortava e me debatia naquela claridade escura dos olhos dele. Olhos de medusa: traiçoeiros, assassinos, irresistíveis.

O uísque rasgava fundo por dentro. Esperei o gelo derreter um pouco mais pra ver se ficava mais fraco. Queria ter algum veneno mortal, mas não saberia em qual copo colocar: se no meu ou no dele? Acendi mais um carlton. Meus pés subiam e desciam, feito nervoso de espera. Nervoso de espera. E ele, ele falava, cantando.

A toalha da mesa já encharcada com o suor das minhas mãos, ou apenas um gelo perdido derretendo por aí, quente, fervendo, da forma exata como eu, por dentro, fervia também, até que ele, catito e inocente, perguntou: "E você? Como vai você?"

Esses dois segundos duraram-me a eternidade, e a visão daqueles olhos, refletidos em meus olhos, me paralisaram. Então eu pisquei.

Naquele exato instante, centenas de milhares de crianças nasciam e centenas de milhares de pessoas morriam enquanto os astros se alinhavam com a terra, e ele ali, bem na minha frente, me perguntando como eu ia. Como eu ia? E eu não fui capaz de gritar que não. Não! Eu não ia. Eu não ia há muito tempo.

Que eu já tinha me esquecido da última vez que eu cheguei a pensar a ir há algum lugar, e o que você está fazendo aqui? Agora? Quem te deu esse direito? Essa permissão? Com essa blusa, esse cheiro e essa sua postura patética que eu tanto amei?

Veio para tomarmos uísque, fumarmos e rirmos do tanto que você me foi importante e o quanto que impotente eu fui naquele quarto branco, vazio, exceto pelo bombril na antena da tv e dos nossos peixes dourados, afogando no aquário, enquanto eu mastigava os lençóis da cama, o olho vermelho de febre, de mágoa. O disco arranhado e a sopa esfriando no canto da mesa. E eu fumando, fumando os hollywoods que você esqueceu de buscar junto com todo o resto que você deixou, impregnado. Suas ervas daninhas, matando a sala, matando a casa e me matando depois.

Veio para que eu te diga que, de todos, você foi o maior. Que, com você, eu queria comprar animal de estimação, sabão em pó, buquê de flor, cama de casal, lavar roupas no domingo, cultivar flor em pote de margarina Delícia, tomar banho de mangueira no quintal de casa, tirar seu casaco quando você chegasse do trabalho, e, no fim da noite, assistir televisão com nossas pernas enlaçadas - imortais - até a velhice chegar.

Que, agora, eu quero te bater forte na cara, mas eu quero te beijar longo, e o tanto que eu te odeio, eu te odeio, mas o tanto que eu te amo, eu te amo.

E isso me dói, porque, por mais que você não mereça, eu te quero, mas por mais que eu te queira, eu me proibo, porque eu sou bobo e o meu orgulho é maior.

Senti algum arrepiado gelado correr em meu corpo. Respirei o mais fundo que eu fui capaz e respondi:

"Eu vou bem, muito bem, sempre muito, muito bem".

CONTISTAS

Conto: Alan Villela

Quadro I: Letícia Simões

Quadro II e Capa: Paula Duarte

Quadro III: Marcus Groza

Quadro IV: Anna Apolinário

Quadro V: Larissa Andrioli

Quadro VI: Fabio Ramos